

## O diabo é o aborrecimento

“Nada é mais supérfluo, mais ameaçador, mais vaidoso, e mais necessário do que o teatro”. A famosa citação de Louis Jouvet poderia também ser aplicada a Mario Pirovano. O próprio Pirovano, tal como Jouvet, encontra o seu caminho para o teatro por meio de desvios: “Para mim o teatro era a coisa mais aborrecida do mundo. Eu era um *beatnik*”, diz. Em 1978, em Milão, fugindo à polícia na sequência de uma manifestação, encontra abrigo num teatro, esconde-se no escuro durante a peça que estava a decorrer — e adormece imediatamente.

O encontro fatídico, em Londres, com o mais tarde galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, Dario Fo, abre-lhe a porta para outro teatro: o dos jograis e contadores de histórias, ao qual Fo se dedicou toda a vida. Pirovano é adoptado por Dario Fo e Franca Rame. Regressa a Itália com eles. E torna-se o seu técnico, motorista e tradutor — vendendo os seus livros durante os intervalos.

Estamos a falar do teatro reduzido à sua mais pura expressão, no qual o narrador desprotegido, com a língua afiada e grande esforço físico, conquista o seu lugar na História para a interpretar, para a compreender, e para a partilhar. Só há uma condição: não aborrecer ninguém. Uma das histórias de Dario Fo no *Mistero Buffo* torna-se também para Pirovano uma experiência de rejuvenescimento: quando se indigna com a linguagem obscena de um grupo de crianças, conta-lhes, de chofer, o primeiro milagre de Jesus, “nasceu assim, como actor”.

**Hajo Schüler**, actor, encenador e director artístico da Companhia Familie Flöz

AGNÈS MATEUS E QUIM TARRIDA – CRIADORES DE *REBOTA REBOTA Y EN TU CARA EXPLOTA*

## “Se, em vez de mulheres, fossem assassinados futebolistas ou políticos, as coisas seriam muito diferentes.”

Uma frase escolhida pelos criadores deste espectáculo, assinada pela antropóloga argentina Rita Laura Segato, ecoa como uma inadiável evidência política: «O corpo das mulheres é onde se manifesta o fracasso do Estado». Agnès Mateus explica: “Quando se fala de *feminicídio* [uma palavra que em Portugal é esparsamente usada] há uma estratégia política clara de minimização do que esta palavra significa, convertendo-a num acto de irresponsabilidade cometido por um indivíduo louco, ou momentaneamente enlouquecido. Mas a responsabilidade é em grande parte do Estado, das suas más políticas, de manutenção de uma cultura patriarcal”.

“Mas se em vez de mulheres fossem assassinados padeiros, ou táxistas, ou futebolistas, ou políticos, as coisas seriam muito diferentes, e nesses casos seria um drama, e o Estado implicar-se-ia. Dois futebolistas ou dois políticos assassinados por semana [como sucede em Espanha relativamente às mulheres] obrigaria a mais do que a indiferença. Sim, há programas de prevenção e protecção da violência doméstica, mas o caminho que as mulheres têm de percorrer a partir do momento da denúncia é um verdadeiro calvário – não por acaso, mais de metade dessas mulheres abandonam a meio.” Quim Tarrida acrescenta: “Ademais, temos uma bagagem histórica que



Agnès Mateus e Quim Tarrida

não ajuda, o franquismo ainda está muito presente na sociedade espanhola, e o machismo está instaurado dentro do sistema cultural e social espanhol.” Agnès diz ainda, a propósito dos processos estatísticos: “Os números oficiais são enviesados: os feminicídios só são considerados dentro do contexto conjugal. Mas se matarem uma prostituta, já não conta para esses números.”

Trata-se pois de um teatro que toma posição política. “Nós fazemos um teatro que nos obriga a um posicionamento humano e político. Não, não partimos de um impulso documental. Usamos a linguagem do teatro directo, do *cabaret*, do monólogo que interpela o público e no qual a Agnès se implica, com o qual sofre e se expõe, e portanto é um teatro que se alimenta de experiências reais, e a dose de realidade nota-se em palco, mas o nosso impulso não é do-

cumentar, é mesmo criar um objecto artístico. (Quim Tarrida)”

“Queremos que o público sinta, mais com as tripas e menos com a cabeça. Abordamos o nosso espectáculo como uma espécie de um concerto (Agnès Mateus)”. E como reage o público? “Gosto de observar as reacções dos homens. (Quim Tarrida)” Até porque “este é um problema dos homens, não das mulheres (Agnès Mateus)”. De homens que, porventura na maior parte dos casos, jamais terão pensado em quem são e no que fazem quando replicam comportamentos que lhes foram transmitidos, como heranças perpétuas cuja sobrevivência são ensinados a preservar. Com o beneplácito do Estado.

*Rebota rebota y en tu cara explota* está em cena no Festival até domingo (em horário diferenciado – consultar Programa). **S.A.**

# Os discípulos de Jacques Lecoq

Reencontrámos Hajo Schüler, desta vez para o lançamento de *O que pode ser visto/What can be seen*, 6.º volume da colecção *O sentido dos Mestres*, editado pela Companhia de Teatro de Almada, que resulta do *workshop* de formação realizado no ano passado, como sempre em parceria com a Share Foundation. O livro foi apresentado por Catarina Santana, formada também no método Jacques Lecoq e fundadora da Companhia da Chanca.

A conversa permitiu conhecer a experiência de ambos da pedagogia de Jacques Lecoq que, segundo Catarina, proporciona uma experiência de transforma-

ção profunda na forma como olham para o Mundo. “Passamos a ver o que não víamos antes, e é isso que nos torna responsáveis e ávidos por dar a vê-lo aos outros”. Em *O que pode ser visto/What can be seen*, Hajo oferece-nos a sua leitura e apropriação desta pedagogia que, pela sua abordagem, se traduz numa viagem mais construtiva do que transmissiva, acabando por ser uma continuação orgânica do trabalho de exploração e criação.

“Hajo entrega-nos as suas reflexões, questões e relatos de experiências, de uma forma autêntica e generosa, incisiva, porém humilde, clara, simples e bela. Hajo



Hajo Schüler e Catarina Santana

tece para nós uma teia de relações e questionamentos, que é o que fazem os mestres. E, como um bom mestre, mas também como um bom aluno, levanta questões” – foi assim que, para além de fazer uma detalhada contextualização da arte do teatro com máscaras, Catarina Santana descreveu este testemunho publicado de Schüler.

## A la descoberta de Mario Pirovano

Ontem juntou-se a nós o italiano Mario Pirovano, intérprete de *Johan Padan a la descoberta de le Americhe*. Após uma breve introdução sobre o homem que aprendeu todos os ofícios ligados ao teatro (foi, entre outras coisas, tradutor, figurante, assistente de electricista e de encenação, motorista e director de cena), Sebastiana Fadda, que moderou o colóquio, escolheu uma citação de Dario Fo para descrever Mario Pirovano: “é um grande autodidacta de qualidades expressivas. Durante anos, ouviu as minhas exhibições. Acabou por assimilar, como uma bomba de água, todos os truques e a sabedoria do ofício”.

Um caminho composto por acasos, que tivemos oportuni-

dade de conhecer nesta conversa – desde o início da sua relação, já tardia (depois dos 30 anos) com o teatro e com Dario Fo e Franca Rame, às particularidades que compõem o espectáculo que nos trouxe. Ficámos a saber inúmeras curiosidades sobre o contexto cultural e político em que surgiu a ideia da história de Johan Padan, bem como sobre os livros que inspiraram e auxiliaram a criação do texto.

Este colóquio, prolongado pelo entusiasmo do público e pela entrega de Pirovano, foi uma verdadeira aula de História, sobre as perspectivas que não nos ensinam e que ficam esquecidas em prol da soberania de alguns sobre o infortúnio



Mario Pirovano e Sebastiana Fadda

Comovido com a apresentação, o autor confessou que foi a primeira vez que escreveu sobre o seu percurso. “Escrever ajudou-me a perceber os limites do trabalho que estamos a fazer e também o teatro de hoje em dia.” Schüler reconheceu que este livro o colocou num ponto de viragem e reflexão, ajudando-o a compreender o que construiu até agora e o que pretende fazer nos próximos 25 anos.

*O que pode ser visto/What can be seen* pode ser adquirido no foyer do TMJB. **Sofia Pancada**

### AGENDA DE AMANHÃ

#### WORKSHOP

das 15:00 às 18:00

#### O Sentido dos Mestres com Madalena Victorino

Auditório da Escola D. António da Costa

#### COLÓQUIO

18:00

#### Conversa com João Botelho

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

#### TEATRO

21:30

#### Mártir

Sala Experimental TMJB

21:30

#### A criada Zerlina

Fórum Romeu Correia

21:30

#### Rebota rebota y en tu cara explota

Academia Almadense

### RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Bacalhau com crosta de broa e alheira
- Ervilhas com ovos escalfados

AMANHÃ

- Caril de salmão grelhado com arroz de coentro
- Roti de porco

#### FICHA TÉCNICA

**Direção** Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição), Rodrigo Francisco e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura)

**Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo

**Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

